

A PRACA PUBLICA

DIRECTOR

ARTHUR LEITÃO

Fasciculo 1.^o

COIMBRA — ABRIL — 1897

SUMMARIO:

- Aos burguezes — Arthur Leitão.
Da Africa — Antonio José d'Almeida.
Os progressistas — Arthur Leitão.
O confessorario — Arthur Leitão.
Dois reis — Joaquim Madureira.
O jesuitismo e a maçonaria — F. Pinto.



COIMBRA — TYPOGRAPHIA OPERARIA — 1897

THE HISTORY OF THE

ROYAL SOCIETY OF LONDON

AND OF THE

ROYAL SOCIETY OF EDINBURGH

BY

A PRAÇA PUBLICA

DIRECTOR

ARTHUR LEITÃO



COIMBRA

—
1897

TYPOGRAPHIA OPERARIA

A PRIMEIRA FERRUGEM

DIRECTOR

ARTHUR LEITÃO



EDITORA LEITÃO

1927

1927

AOS BURGUEZES

Honrados cavalheiros:

Pódem os senhores cair na esparrella de ler-nos. Justo é pois que saibam quem lhes falla e o que pretendemos.

É o que vamos tentar dizer-lhes, desprentenciosamente, mas com sinceridade.

Somos um grupo de insubmissos e rebeldes, irmãos gemeos dos poucos homens que neste desacreditado paiz—onde um Navarro é um estadista e um estadista um Navarro—pensam pelo cerebro e não pelo estomago.

Ingenuos, talvez, somos d'aquelles que os cavalheiros, obesos, casposos e malandros, classificam, com as mãos cruzadas na pança, de epilepticos.

Noticia, quiçá, já tenham d'alguns nomes, muito familiares ao registo das cadeias, que vêm aqui discutir os processos, as velhacadas e as ladroeias do cháseo nacional.

Os senhores certamente conhecem-nos e comquanto extranhos á Penitenciaria sabemos tambem da sua vida o sufficiente para nos pôrmos em guarda.

De tudo capazes são homens para tudo: Vender as filhas e a mulher são banalidades simples.

Roubar um relógio e esfaquear, á traição, o cidadão possuidor é um prazer ineffavel!

Honra, altruismo, abnegação, generosidade são futilidades ridiculas sem cotação no mercado.

São estas pustulas sociaes, que dirigem o leme d'esta sociedade pôdre e impudente.

É esta *tropa* desavergonhadissima que escora o throno e dá realce á monarchia...



Vimos discuti-los, combatê-los, insulta-los.

O ataque será rude e vigoroso, mas leal e franco. A peito descoberto sem clemencias, mas sem traições, e quer brandindo uma espada, quer empunhando um cacete, instigaremos contra esta canalha a turba-multa dos opprimidos.

E as nossas cargas serão tanto mais violentas, quanto é certo que da monarchia nada precisamos e da futura Republica nada pretendemos.

Estamos no partido republicano como um viajante numa estação de caminho de ferro: com a mala prompta para marchar ao primeiro signal.

Dispostos a dar á Republica o vigor da nossa idade e o calor das nossas convicções, todavia, ideias mais generosas preocupam-nos o cerebro, e nos canteiros do coração cultivamos ideaes mais avançados.

Ideaes que tiveram em Platão o seu primeiro apostolo e em Benoit Malon, ultimamente, um dos seus mais candidos evangelisadores.

Eis ao que vimos.

Atiçar contra os burguezes a hoste incomensuravel dos desherdados, mostrando-lhes os direitos que lhes sequestram e as injurias de que são victimas por parte dos senhores jornaleiros do crime, a tanto por cabeça.

E' na praça publica, o campo sancto das reivindicações, que gritaremos, alto e sem ceremonias, que a propriedade é um roubo, a remuneração do trabalho aos proletarios uma falcatrúa, a actual organização da familia um ludibrio.

Todas essas miserias que, com o contrapeso da lei, são espantalhos á ignorancia popular, armadilhas ao obscurantismo de um povo supersticioso, servindo de alicerces ao deboche monarchico.

Esta miseravel gente portugueza representa uma sociedade, que pede grilheta desde o Rei aos regedores e cabos de policia.

Além do combate á realleza, é preciso atear, contra os cavalheiros, o fogo em cujas labaredas ha de ser devorado o capital que adoram.

Opprimidos — a insurreição é um direito.

E urge lembrar: que, no meio da Rua, um homem armado vale por dez e no ardor da refrega meios ha para mandar pelos ares centenas de assassinos.



Para terminar resta dizer-lhes que temos a cooperação de alguns homens honestos e de talento. Isso nos basta.

Agora os cavalheiros vão ouvir:

A Nós e a Elles.

ARTHUR LEITÃO.



DA AFRICA

O artigo que segue, devido à penna brilhante do nosso querido amigo e illustre collaborador dr. Antonio José d'Almeida, foi-nos enviado, ha já tempo, para ser inserto nas columnas do Portugal, a cuja redacção pertenciamos. A esse tempo, porém, já o Portugal havia desaparecido, mercê das violencias e arbitrariedades das auctoridades respectivas, e em que um tão brilhante papel coube ao famoso êbrio, bacharel em sciencias politicas e administrativas pela Universidade de Bruxellas. Pela leitura do artigo vê-se que o nosso amigo desconhecia essas violencias, prevenendo-as todavia.

Inserimo-lo, comtudo, nas paginas de esta publicação, porque as palavras de Antonio José são sempre beneficas e bem-vindas para os restos dispersos de uma guerrilha violenta de que Elle foi o espirito.

Meus queridos camaradas:

Não sei se vocês todos estarão na cadeia quando estas linhas ahi chegarem. É natural. E tão natural isso me parece que até admira

que o *Portugal* não fosse supprimido, logo, á sahida dos primeiros numeros, com o movimento aterrado de quem abafasse com um cobertor uma bomba cujo rastilho começasse a arder.

Não ganhariam nada com isso, porque vocês, apagado um rastilho, logo accenderiam outro e outro, até que a bomba, finalmente, sempre havia de estalar. Mas a monarchia na sua ineptia, ainda não esqueceu este proverbio profundo: *em quanto o pau vae e vem folgam as costas*. Despresando-o, pois, d'esta vez, as astutas justiças da terra quizeram deixar á clasica magreza da bolsa academica as responsabilidades da morte do *Portugal* pela exhaustão.

Realmente as praxes têm sido essas.

Gazeta academica annunciada, era gazeta a pedir logo um padre nosso pelas intenções da sua alma. Sahia o primeiro numero, sahia o segundo, e, ao terceiro, os redactores, que tinham hypothecado os ossos ao cheliudró, iam pôr o relógio no prego para pagar os debitos do emprehendimento. Vocês, porém, d'esta vez arranjaram as coisas de fôrma que o *Portugal* continúa a fallar rijo, como se tivesse ao seu alcance uma peça de artilheria e ao seu dispôr o cofre d'um banqueiro.

De maneira que agora, nestas alturas, pôde a policia entrar na typographia e dar cabo de tudo, ou o juiz chamar-vos ao tribunal, para vos dar á conta corrente dos dias de cadeia em debito, que nada será já sufficientemente forte

para eliminar da historia das ideias republicanas a noticia da mais audaz e brilhante publicação jornalística academica que ahi, em Coimbra, tem bramido.

◆

Não me admira, afinal, tamanho esforço de virilidade e arrojo.

Não me admira, porque vocês são a propria mocidade em pessoa, e a mocidade tem impetos que ninguem é capaz de adormecer. A sua loucura indomita possui qualquer coisa de extranho que entontece e arrasta e a sua sinceridade romantica qualquer coisa de magico que empolga e séduz.

Em ella apparecendo, com um farrapo de bandeira na mão e a vivacidade heroica nos olhos, não ha nervos que não tremam, nem coração que fique quieto. Por isso mesmo a mocidade é sempre o precursor guerrilheiro da turba revoltada. Ainda esta poderá rolar no leito da planicie, como uma vaga que procura inchar-se de colera, e já a hoste moça dos conspiradores está no alto d'algum morro, affirmando rudemente o que quer.

Por isso mesmo eu li avidamente os primeiros numeros do *Portugal* que aqui me chegaram, como se elles em verdade me trouxessem, intacto e precioso, o vosso espirito revolucionario.

Nestes abominaveis sertões, cheios de egoísmo vil com salpicos de infamias cruéis, eu como que senti no ouvido a nota guerreira d'um clarim amigo, que me intimasse para algum formidavel recontro. E de tal fôrma, nesse indizível momento, a minha alma se embebeu da vossa alma, numa d'essas illusões que destroem o tempo e galgam o espaço, que os meus musculos se distenderam e os meus nervos se arripiaram, como se eu fosse enfileirar-me ao lado de vocês no fragor allucinado da Revolução.

Cá me chegou o vosso espirito. É certo. Mas o meu, verdade seja, bem poucas vezes sahe d'ahi, do meio de vocês. Como elle vae á procura do asylo dos vossos corações... A correr, a correr, a voar, a voar, como uma pequena ave friorenta, encharcada por uma corda de chuva, lufa, lufa, lufa... até ahi a essa risonha Coimbra, onde viveu e se sepultou a mocidade que não volta...

E uma vez lá, nessa lendaria Coimbra, que multidão de coisas sentidas e vividas num minuto devorador: — O tumulo de José Falcão, que nós invocámos como uma ara sancta; os antigos camaradas, febris, no alto da sua barricada; a lucta apaixonada das facções e dos partidos; os gritos de revolta; os protestos de fé; os juramentos de guerra como nos tempos medievaes; o clamor de demolição — tudo isto a enovelar-se, a contorcer-se, a bramir contra o velho castello monarchico que urge deitar abaixo.

Assim me vem um tal sonho, por vezes.

Depois o meu espirito volta a estas terras villãs, rodeadas d'uma humanidade quasi sem historia e immersas numa atmospherã quasi sem ar. Mas, agitado (espirito inquieto, porque não socegas?!) de novo elle corre, de novo elle vôa, galgando a distancia dô tempo, como venceu a distancia do espaço. E é então a Coimbra dos meus tempos que no meu cerebro se desenha:— O ruido alegre de rapazes em faina, cada um a construir a sua barca para a conquista aspera da vida; ardor intenso e rumoroso como se se andasse a aprestar alguma louca frota para a descoberta d'algum mundo novo; por ultimo, numa manhã sonora, canudo das cartas para o porão das galeras, os pés intrepidos para a tolda e ala com Deus!...

— Boa viagem!

Adeus, boa sorte!

.....
Espirito ancioso estás cansado? Não.

Nem cançar pôde quem d'estas galopadas doidas tira a vida. Vae então mais longe ainda. Pelas aguas alem andam em lucta os teus irmãos, aquelles a quem tanto deves para a orientação clara do teu destino.

E lufa, lufa, lufa... lá vae elle a voar, a voar...

Olha, alli está um companheiro antigo numa bahia socegada, a terra florida sob os olhos.

— Camarada! Bem dita seja a barca que tão bem te conduziu.

Mais alem anda outro a combater com as aguas doidas.

— Tem cuidado, camarada, não te deixes afundar!

Mais lá, ao longe, ainda, outro, já sem barco, lucha a braço com as ondas.

— Camarada faz tanto mar! Tem coragem não te deixes succumbir.

Assim eu teço, com recordações saudosas, um mundo de sonho, que cabe no meu cerebro, mas por onde a minha alma se dilata como num praiamar capitoso. Nesse mundo fremente e rumurante, eu vivo a vida d'outro'ra, que a rememoração chama da sua desgarrada longinqua para a hora actual, que é quasi de chimeras fundidas. Por esse mundo sonambulo, vagueiam phantasmas, a que a minha imaginação dá corpo e reverbero.

Com elles fallo e communico.

São velhos amigos, camaradas antigos, antigos conhecimentos. Cada um a lutar pela propria vida, alguns talvez a sossobrar, (faz tanto mar, camaradas!), mas todos na juventude da audacia para o combate tremendo pela vida commum.

E nesse momento, do meu sonho, passo sem transição para a realidade. Realmente o exercito de velhos gladiadores existe. Disperso,

espalhado pelo mundo; mas nesse jornal que me vem de Coimbra eu ouço soar, como se sahisse d'um clarim de oiro, o grito que os convida a unir.

Bem.

Não está despovoado o velho cerro selvagem, onde sempre, ahí, se reuniram os guerrilheiros violentos da ideia. Os nossos olhos, habituados á treva, vêem, finalmente uma fogueira de guerra e os nossos ouvidos, onde ha muito mal entrava um rumor de armas, enchem-se finalmente com o estrondo da fuzilaria.

Bem merecem, vocês, rapazes do *Portugal*, os nossos agradecimentos.



Meus amigos:

Aqui estou nestas terras impias sem virtude e sem fé. No ar que eu respiro baila a infamia africana e o pó da terra que eu piso ainda varias vezes é espapaçado em lama pelo sangue que o chicote lusitano faz espirrar do espinhaço dos negros.

E, todavia, eu pouco mais sou aqui do que um soldado desgarrado. sem barricada a que trepe. E, noutra sentido, a distancia que nos separa dá-me a noticia de que sou um soldado quasi mutilado, porque o meu pulso é fraco para mandar até ahí tão longe, com exito, — mesmo com o pouco de que em qualquer caso

sou capaz — o virotão da minha colera. Mas, adeante. Consola ao menos a comprehensão de que o peito é sufficientemente forte para guardar a barbara intransigencia da ideia.

E, de resto, a enorme massa de ar que me separa da metropole não é tão egoista que absorva todas as palavras que eu d'aqui gritar.

Meus amigos! Boa sorte.

Bem a merece quem no *Portugal* se está batendo com tanto talento e tão desesperado denodo.

Um longo abraço do vosso do coração
Loanda, julho de 1896.

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA.



OS PROGRESSISTAS

Todos vimos, e a quasi todos pasmou, a attitude dos magnates do progressismo durante o consulado do senhor do Alcaide.

Opposição furiosa e decidida, pejada de imprecações e adjectivos, contra o rei, contra o regimen e contra os servidores da realza, guindou-os alfim numa escalada audaciosa (parecia!), aos cornos do poder. E lá se aguentam, sobraçando as pastas por milagres do equilibrio, e obras do judeu Burnay.

Julgára-se, á primeira vista, que a ascensão dos progressistas representava, nem mais nem menos, uma capitulação do Bragança, reinante e reinadío, ante os paes da Patria, que, nos comicios da colligação com os homens vermelhos e nos chás do patriarcha Bacôco, ameaçaram atirar de cangalhas o throno, com nariçadas do grande estadista Beirão. E o Pagante quasi respirou com o tombo do exemplar reputado mais perfeito em materia de ministerios constitucionaes, com que a nação tem sido brindada.

Como se a differença entre progressistas e regeneradores podesse ir além do nome!...
Que banaboias nós sômos...

Moralidade d'alto a baixo, Economia a fundo, Liberdade sem pêas — numa palavra, jogo franco e cartas na mesa, era o promettedor programma dos filhos de Passos, fálhos de dinheiro e de prestigio, por sete annos de insoffrivel exilio, e agora levados á gloria e aos reconditos do thesouro pelo pulso ferreo do estadista da Bairrada e pela unha do Ressano.

Cêdo, porém, se lhes desprendeu a velha e suja mascara e os próceres do progressismo assomaram á luz da ribalta em toda a sua pequenez revoltante:

Thuribularios sem pejo d'um rei que insultam e d'um principio que rebaixam;

Coherentes na manutenção das suas tradições gloriosas: — pantomnices indecorosas, trampolinices indecentes no passado, no presente, e no futuro.

Na opposição — Moralidade, Economia, Liberdade, etc.

No governo — Nyassa, Juiz Veiga, Soveral, Querellas, Impostos, Crimes e Des-honras.

A farelagem progressista ainda hontem ao lado do Povo agachou-se, como fraldiqueiro

esfomeado a um simples acceno do rei, que insidiosamente combateram, capitulando sem pudor e sem brio.

Olhem o juiz Veiga no seu posto.

Reparem no Soveral em Londres.

Lembram-se, á certa, das campanhas progressistas contra esses podres cortesãos, requerendo escarros e chicote para o Veiga e apodando de traidor o homem que enviaram a Londres como seu genuino representante.

Em plena governança progressista mantêm-se a corregedoria, e a servir os interesses da Inglaterra continua o Soveral em Londres. Isto seria unicamente ridiculo para os soldados do Zé Luciano, se não fosse aviltante para a gente que os tolera.

Vêm, como os outros, dar realce á corôa, continuando a monarchia a sua vida de loucuras e desperdicios, que creou raizes fundas durante sessenta annos, e que os progressistas tem cultivado com religioso esmero.

◆

E como os tempos mudaram!...

A bacchanal de annos atraz transfigurou-se em tyrannia.

O rei abusa, appoiado pelos ministros, que tem a anima-los, a municipal, a cadeia e a lei das rolhas.

O rei já não é simplesmente um espantoso grotesco a gosar, a divertir-se, embebedando-se e caçando. Temos tudo isto e mais um despotasinho, para gastos internos, um tyrannete de opera buffa, com as calçotas rachadas, a fralda de fóra e em mangas de camisa.

Ferras de novillos, pescarias, viajatas e municipal para os patriotas — eis o ideal de um Rei bojudo e folião.

O regimen, esse negocio fetido, tornou-se insupportavel e deprimente, insultante e asqueroso.

Ao que se chegou: pranchadas e cadeia portas adentro, e fusilamentos nas colonias, á ordem do rei e para engrandecimento do throno.

O povo é provocado dia a dia.

Espancam-no e escarram-lhe.

Protesta-se, todavia, com methodo e com ordem. E' que os tempos vão bicudos e a gente tem familia.

E no meio da lama que tudo envolve, no descaro que avassalou a todos, existe um partido avançado com um directorio phantastico, que não foi capaz de ir além de uma colligação liberal, quasi uma traição. Colligação extraordinaria foi essa de que resultou um sabre bem afiado e bem polido com que o Bacôco se propõe rufar o hymno da Carta, em dias de gala ou de protesto, nos patrioticos costados de alguns conselheiros, que usam barrete phrygio, forrado a tiras do orçamento.

Uns descascados banalões...

Isto deu o que tinha a dar.

Nas cabeças não ha sumo e nos bolsos não ha vintem.

Se um dia a Republica proclamada fôr, talvez sejamos tão patetinhas, que Ella será feita á boamente, acção pacata e bonacheirona, com muitos burguezes á roda e sem justiça popular, sobretudo.

Que é como quem diz: falta de sangue e com candieiros inactivos.

Accreditem e não se assustem.

Demais, podem resolver-se que o Mariano tambem adhère.

E é um homem d'olho...

ARTHUR LEITÃO.



O confessorio Na Sé Velha

Entre as formulas do ritual seguido pelos catholicos-apostolicos-romanos é sem duvida a confissão, uma vez cada anno pelo menos, a mais perigosa, vexatoria e indigna.

Quanto sotaina miseravel, abusando ignobilmente da crença dos ingenuos, têm levado a deshonra ao seio das familias, e lançado no caminho da prostituição centenas de mulheres.

Padres frascarios e libidinosos têm na confissão a mais perfeita e intelligente alcoviteira e nos tentaculos do confessorio as veredas seguras que conduzem ao alcouce.

Miseraveis ha p'r'ahi por esse mundo, para quem a egreja é um lupanar e a confissão a cantharida tentadora.

Isto é sabido por toda a gente: desde os rapazes aos chefes-familias.

Mas, como estamos no meio d'uma cambada de pulhas, poucos são os integros, que têm coragem para protestar. Comtudo, comó esta sociedade é um meio pôdre e duvidoso de

traficantes e devassos, poucos os dignos que lá não levam as filhas e despresam aquella chóldra.

Vá — estou vendo-os evocar em sua defeza a disciplina lithurgica...

E depois são as conveniencias sociaes, seus malandros, seus cães, que os levam a tomar a hostia sacra pela mão impudica de qualquer velhaco elevado a interprete do Martyr sublime e que tem na mancebía e no infanticidio o epilogo dos seus prazeres carnaes.

Dos que lá vão, eu só desculpo os proletarios e os desgraçados, porque, aviltados sempre, a Monarchia exige-lhes o respectivo attestado para entrada no hospital, quando minados pela doenca. E' verdade. Os governos dão-lhes no hospital uma enxerga — deshonrando-os.

Só a tiro...



Apesar da epocha, que vimos atravessando, de jejuns, confissões, penitencias e maroteiras, eu não fallaria d'esta cousa, para mim tão nojenta e infecciosa, se um facto passado ahi, ha poucos dias, não viesse abalar a população pacata e servil da terra das arrufadas.

O caso, apesar de conhecido, merece, comtudo, duas palavras, sem coleras e sem protestos. Vá de apreciar:

Duas vezes agastadas de pater-familias, christãos e boas pessoas, vêm de pôr os cabellos em pé á cidade estarrecida.

De pau nas mãos, esbravejantes, coléricos, os bons homens levantam p'r'ahi num berreiro ensurdecador, que não encontra êcco na gente honrada do burgo, o seu protesto desvairado contra um padre, insolente e deshonesto.

Refiro-me ao facto, os senhores sabem, d'um sacerdote alli, na Sé Velha, perguntar a duas creanças de quatorze annos se passavam as horas vagas, destinadas á meia e á renda, em roçadellas lubricas e outros deboches — devoções e sacrificios que o Padre está, certamente, costumado a praticar com alguma serva de Deus gordurosa e relaxada.

As raparigas, coitadas, sem comprehender o alcance de perguntas taes, vieram ás paternidades pedir elucidação.

D'ahi o escandalo.

Os homens indignados chamam-lhe *Corno Sagrado* e devido ás suas pernas, escapou-se a uma tarefa.

Baldadamente, a imprensa afiou os dentes para rasgar o ventre ao escandalo.

Esta canalha, estúpida e torpe, que já levou o Ayres ao parlamento, não protesta. Isso sim. E as donzellas lá continuam a caminho da igreja, rosario e livro nas mãos, os olhos cavados por olheiras profundas, verdadeiro libello de revelações de luxuria, buscar na confissão o lenitivo doce aos impulsos da carne, que do Ceu não cahirá, mas que um padre pôde dar. Acho bem.

É não julguem, senhores donos de casa, que os nervos me vibraram contra o padre. Ao contrario, porque a responsabilidade é de vossencias, que conduzem as meninas aos pés do confessor.

E, depois, se ao fim de alguns mezes o ventre começa de avolumar-se ha viagens ao estrangeiro e a quintas retiradas, que são verdadeiros milagres... e a agua de Lourdes vae correndo. Oh, que malandros...

ARTHUR LEITÃO.



DOIS REIS

A bruta fereza da força calcando o direito, a ambição insaciavel espoliando um povo, escarnecendo o mundo, pôz em foco, mercê das gazetas de todas as linguas e de todos os matizes falhas de assumptos e prenhes de humanitarismo para uso externo, esta questão antiga, sedição, do Oriente, onde, com o applauso e concurso dos canhões das grandes potencias, a selvageria do turco chacina os restos heroicos da grande civilisação hellenica.

Discute-se por toda a parte esta questão magna que, mais dia menos dia, pôde fazer em estilhaços o mappa da Europa, e egregios pandilhas, que fogem de um policia, babam-se de goso ao defrontar os despachos que dão em preparativos de defeza, contra os exercitos colligados da infamia europeia, heroicidade de um povo minusculo, arruinado, sem espingardas, mas com vergonha, com valor.

E neste côro unisono de louvaminhas e enthusiasmos destacam-se, como de direito nestas incoherencias do impudor, exactamente aquelles que a dentro das proprias fronteiras

são os primeiros a saudar uma cobardia, a justificar uma capitulação ou a thuriferar um traidor.

Assim, os da imprensa monarchica, arraçoados pelo Paço, subsidiados pela policia, que por decoro proprio deveriam sonegar os telegrammas da Havas narrando a historica valentia dos gregos a defenderem Creta, em contraste frizante com a reles poltronaria nacional a entregar Keonga, são os primeiros a louvarem a altiva energia do rei Jorge jogando o o throno e a vida contra os couraçados da França, da Austria, da Italia, da Allemanha, da Inglaterra e da Russia, identificando-se com o seu povo e levando-o ao combate, exactamente ao invéz do rei Carlos, levando-nos á deshona, capitulando no *ultimatum*, no 20 de agosto, em Keonga, em Lourenço Marques, em toda a parte, transido de medo, deante da insolencia do primeiro pimpão que desce até nós para nos esbofetear, ou que sóbe até á nossa honra para nos prostituir.

E como são elles os que nos dão o exemplo de achar bello o procedimento do rei dos gregos repontando d'armas na mão, dentro da logica e da justiça, são elles que nos conferem o direito de julgar a conducta do rei dos portuguezes, transigindo de joelhos e de mãos erguidas.

Chegamos a isto: para combater a realleza em Portugal, não ha mister que o epyleptico João Franco faça dictadura, ou que o

pateta José Luciano faça asneiras: basta que nos confins da Europa um rei tenha vergonha como um homem e um povo tenha ao seu lado esse rei. Já não é preciso um roubo na Arcada ou um peculato no *Diario do Governo* para fazer o libello do regimen; basta um despacho de Athenas, ou o ecco longiquo de uma investida de gregos.

Não é preciso deitar parteleiras abaixo para topar argumentos; olha-se para um rei que sabe ser rei de um povo que sabe ser povo e os argumentos transformam-se em factos.

E os factos dizem isto: nos confins do Mediterraneo, no extremo Oriente da Europa, ha um povo pequenino, empenhado até aos olhos, sem um vintem e sem credito. Não tem exercito, não tem marinha, e, entre a judenga das Bolsas, antes de Portugal ser accusado como *escroc* já a Grecia era tida por caloteira. De todos os lados a ameaçam perigos; desprotegida, sósinha na sua pequenez, na sua miseria, a Europa espreita o momento de a esbandalhar, de fazer leilão, nas chancellarias, da sua riqueza, talvez da sua unica razão de ser: um passado glorioso que illuminou, durante seculos, a antiguidade.

Nisto, o momento de descalabro chega, a cobiça europêa afia as garras, faz as primeiras investidas. Como um só homem ergue-se um povo, insurge-se, cerca o palacio ao rei Jorge, invade-o, reclama a desforra.

O rei, contra a pragmatica, contra o ritual monarchista que mandaria fugir ou arcabusar o povo, recebe-o, acclamou-o, e, num rasgo varonil de coragem, identifica-se com elle, para o satisfazer, para o levar ao triumpho ou á derrota, mas em todo o caso para ir com elle, até onde a honra manda que uma nacionalidade vá em busca de justiça e em busca de desforra.

Esse rei chama-se Jorge.

No extremo occidente da Europa, á beira do Atlantico, ha tambem um povo. Pequeno, enfraquecido, miseravel. Sem credito, sem espingardas, sem um chaveco nos mares, sem um real nas algibeiras. Pelintra e roto. Ainda assim, do seu passado glorioso, rico de tradições, herdou um patrimonio inestimavel: um poderio colonial de primeira grandeza. A Inglaterra, insaciavel, ambiciona-o. A Allemanha, cupida, inveja-o.

Ao primeiro pretexto, a Inglaterra desfecha contra esse povo a suprema cobardia d'um *ultimatum*.

O povo ergue-se, mas, bonacheirão e estúpido, não vae até ao paço. Fica-se nas ruas a reclamar vingança. O rei, sobre as iras do povo, despeja um banho frio de pranchada.

Soldados que poderiam servir para desaggravar a patria, acutilam patriotas. O rei curva-se ao *ultimatum* e, empenhado em viver em paz com o inimigo, conduz o povo, sob uma escolta de municipaes, ás forcas caudinas de 20 d'agosto.

Depois d'isto cada dia uma capitulação, cada hora uma vergonha.

A' Inglaterra succedeu-se a Allemanha; com a Allemanha alternou a França.

E o rei sempre agachado, e o povo sempre sob o regimen da municipal, do peixe espada.

Como desaggravo aos brios nacionaes, quando a affronta é maior, o rei vae a Londres e deixa chumbar á perna a Jarrateira pelo mesmo carrasco que chumbou o seu paiz ao pelourinho da infamia. Quando as caçadas não permittem o regalorio d'uma viagem á cata d'uma venera, vae uma carta implorando um perdão.

Este rei chama-se D. Carlos.

O outro, dizem os telegrammas chamar-se Jorge.

Um está na Grecia, outro nas Necessidades.

Não ha o perigo de confusões; a imprensa monarchica pôde proseguir com o elogio do grego.

JOAQUIM MADUREIRA.

o jesuitismo e a maçonaria

I

Quaresma: o S. Miguel da padralhada.

Occasião propicia para avergalhar todo esse tropel de hypocrisias amontoadas ás portas das egrejas desde o nascer até ao pôr do sol; momento opportuno para chibatar toda essa bandalheira que as festas dos abbades tão desvergonhadamente expõem ao ridiculo, desrespeitando o symbolo da religião que representam, esfaqueando a memoria do Martyr que trazem a passeio por essa rua fóra de mistura com a ignobil fantochada que acompanha, inconsciente e estupidamente, a fanhosa melopêa d'um clero indigno.

Sim; porque o clero portuguez não póde de modo algum impôr-se ao nosso respeito e á nossa veneração; porque o clero portuguez, numa maioria que é quasi uma unanimidade, não póde merecer a nossa consideração e a nossa sympathia, porque é tôrpe, porque é devasso, porque é mau, porque é essencialmente estúpido e ignorante.

Eis o que me leva á revolta contra toda essa reles exhibição de ridiculo que annualmente usa fazer-se para gloria e brilho da religião catholica-apostolica-romana, assento do astuto Leão XIII, commandante em chefe da immensa legião de santos e chefe soberano de toda a grey de tonsura e saia preta.

A minha situação em face de toda essa cavallhada grotesca está bem definida de ha muito, de ha bastantes annos até. E não só em frente do grotesco d'essa cavallhada mas tambem em face da cavallhada de alcavalas e de intrujices com que até hoje se tem havido por bem deturpar a limpidez das verdades apregoadas pelo bem mal pago martyr do Golpho sangrento.

— Bem mal pago e bem mal comprehendido (na apparencia) —.

Pois que é Quaresma ainda ao sahir a lume *A Praça Publica*, a ella me referirei sómente, pondo bem em relevo todo esse ridiculo espalhafato de lagrimas e penitencias, toda essa bambochata em que se refestelam, impando de goso e vaidade, os irmãos das confrarias e a canalha das sacristias.

Irei, depois, mais longe. Por emquanto, limitar-me-hei a aproveitar a occasião de pôr bem em fóco toda essa ignobil e descarada intrugice que ahi se pavoneia todos os domingos e dias santificados, arejando as casacas bolorentas e os chapéus de seda, golpeados pelas navalhadas do tempo, ostentando cynica-

mente crenças que em seu peito não existem, manifestando prosápias estupidas por irracionais.



Com a Terça-feira de Entrudo terminou o carnaval das ruas.

Com a Quarta-feira de Cinzas começou o entrudo das egrejas, com todo o sequito de procissões, de sermões, de lagrimas, mais variado nas flôres de rethorica dos prégadores, mas sempre o mesmo no tocante a exhibições publicas, obrigadas a cilícios e penitencias como a cocottes e tremoçadas o foram ha pouco as farroupilhagens da semana gorda.

Guerreiros com escudos de latão e espadas de pau, virgens com corôas de metal branco e mantos de seda tomados de aluguel em casa dos armadores, rainhas com sceptros de papelão, principes com durindanas de metal amarello, anjos com azas de arame e pennas de rabo de pato, tudo isso formado em bicha a rabiarse por esses mundos de Christo fóra, passo travado pelo fun-gá-gá das philarmonicas e pelo latim fanhoso da padralhada: eis o entrudo das egrejas, o carnaval do beaterio, que ora se arrasta pelos confessionarios, dizendo peccados, batendo no peito, e rezando, por atacado, uma enfiada de Padre-nossos e ladainhas.

A mascarada continúa, porque é indispensavel, porque, ás folias e ás bambochatas de

algumas semanas, deve a ordem das coisas dar uma successão de lagrimas e soluços, uma azáfama indescriptivel de exames de consciencia e de penitencias, para lavar as impurezas dos espiritos, para apagar os delictos da materia.

Caíram as mascaras de hontem, para serem substituidas por outras em bom uso, frescas e bem conservadas.

Eram disformes e ridiculas as que por ahi andaram, narizes a simularem abysmos, fazendo cócegas aos tristonhos, polvilhando de farinha as gaforinas dos romanticos, enchendo de papelinhos multicôres as triumphas das madamas.

São tristes as de agora: vermelhos os olhos, encarquilhadas as faces, negros os vestidos. A Humanidade, que hontem ria e folgava, a conventional lucto pelo martyrio de Christo que nunca, na sua ingenuidade e na sua immensa dedicação por um Ideal de verdade, poderia prevêr todo este zelo pharisaico que põe os olhos nas algibeiras do proximo, aneando pelas esmolas dos fieis.

Sete semanas de dôres hypocritas, de soluços mentirosos, de martyrios fingidos.

Ha pouco, o carnaval das ruas. Hoje, em successão logica d'aquelle, o entrudo da santa igreja catholica-apostolica-romana.

Que farçantes e que farçada!

(Continúa)

F. PINTO.

1851

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

